

O FRADE ESTRANGEIRO

CONFERENCIA

Feita em 22 de Maio de 1903

NO

CIRCULO CATHOLICO

EM PRESENÇA DO

Exm. e Revm. Sr. D. Joaquim Arcoverde

ARCEBISPO DO RIO DE JANEIRO

PELO

Dr. Carlos de Laet



RIO DE JANEIRO

Officinas do *Jornal do Brasil* — Rua Gonçalves Dias, 54

1903

JHR
F328

JH

F2

JHR
F 328

O FRADE ESTRANGEIRO

CONFERENCIA

Feita em 22 de Maio de 1903

NO

CIRCULO CATHOLICO

EM PRESENÇA DO

Exm. e Revm. Sr. D. Joaquim Arcoverde

ARCEBISPO DO RIO DE JANEIRO

PELO

Dr. Carlos de Laet



RIO DE JANEIRO

Officinas do *Jornal do Brasil*—Rua Gonçalves Dias, 54

1903

INSTITUTO DE
ESTUDOS AVANÇADOS

ALVARO JOSE HORÓRIO RODRIGUES

USP

JF 328

UNITED STATES GOVERNMENT

POSTER

DR. J. D. BROWN

CONFERENCIA

SUMMARIO.—Exordio pouco insinuativo.—Algumas linhas de catecismo.—Um banho de historia.—Frei Henrique de Coimbra, primeiro frade estrangeiro.—José de Anchieta.—Frei Pedro de Palacios e os advogados do diabo.—Antonio Vieira e o seu plano de catechese.—Missionarios positivistas... em Paris.—Entradas livres, liberdade de reunião.—D. Frei Antonio do Desterro, o mestre dos Bispos.—Frei Camillo de Monserrate.—Frei Caetano de Messina e Frei Fidelis d'Avola, generaes do exercito.—O padre Hehn.—O padre Clavelin.—O padre Lourenço Rossi.—O irmão Jules Andronic.—Onde as harpias do altar?—Hypertrophia do patriotismo.—Consectarios das premissas nativistas.—Sua applicação ao sacerdocio da imprensa.—A verdadeira fraternidade.

Exm. e Revmo. Sr. Arcebispo.—Revms. Srs. Membros do Clero.—Exmas. senhoras.—Meus senhores.

Lembra-me haver lido que perante o Areopago era prohibido fazer exordios, pelo muito que de taes insinuantes proemios receavam os precavidos juizes desse tribunal; mas de minha parte não ha que temer semelhante perigo; não só porque não sei manejar a palavra de modo que a torne formidavel; mas ainda porquanto eu não pretendo conquistar a vossa benevolencia, pois de antemão conto com ella, fallando perante amigos e correligionarios.

Ha cerca de um anno, senhores, não tenho subido a esta tribuna, e disto não preciso excusar-me. Este circulo é, principalmente, uma casa da mocidade, este logar devia ser dos moços. Em todas as milicias bem organizadas ha a primeira linha, que é a dos combatentes válidos e robustos, e as reservas só entram em fogo quando assim o exigem inelutaveis difficuldades e carencias de pessoal. Ora, claro está que, assim pela minha idade como pelas idéas politicas que professo, eu me acho reduzido á condição de reservista. Onde estão os que com mais forças e habilitações devem fazer estas conferencias? Porque não transformam esta tribuna, já não direi todos os dias, mas todas as semanas, em uma cadeira de verdades, mais modesta do que o pulpito, porém igualmente encaminhada á propaganda do bem, do justo, da caridade, em uma terra, em uma época em que, a todo momento, em cada esquina, se préga o odio, o injusto e o mal? (*Approvações.*)

Com sincero prazer, senhores, ouço annunciar, de vez em quando, um orador novo, e mais ainda quando este se enaltece por dotes de espirito e de coração. Grandemente jubiloso foi, pois, o meu alvoroço ao saber que uma conferencia ia ser feita pelo Sr. Dr. Mello Mattos, hoje deputado federal e nosso prezado irmão de crenças. Fiz logo votos de não mais fallar até ouvir a S. Ex. para lhe seguir as pisadas... Mas o nosso illustre amigo não pôde, por enfermo, realizar a sua prelecção... Bem, disse eu, aguardemos o restabelecimento de S. Ex.; e não cessei de orar pela completa restauração da sua saúde. Agora S. Ex. sahiu eleito deputado, o que suppone herculea robustez para o desempenho dos encargos que lhe incumbem; pois bem! agora a S. Ex. podemos confiados pedir que nos não desampare, e que com a sua palavra, convencidamente catholica, venha dar o nobre exemplo da propugnação das nossas idéas.

Terminado este exordio, que, meus senhores, procurei tornar o mais insinuativo possível (*risq*), passo a expor-vos que, o que vou dizer, não será tanto a defesa de uma these como a historia de uma singular fluctuação em que o meu espirito foi lançado pelos ultimos successos de que tem sido theatro a nossa capital.

Conhecer bem toda a doutrina christã, em suas particularidades historicas, dogmaticas, disciplinares, liturgicas, não é realmente cousa facil. Volumosos são os tratados, os dictionarios, as dissertações de assumpto religioso, e não bastaria a vida de um centenario para percorrer, quantô mais estudar, tantos e tão extensos livros... Mas saber o necessario para a salvação é facilimo. Tôdã a materia essencial para isso cabe em um desses livrinhos que denõminamos catecismos. Eu a aprendi primeiro com meus paes, e mais tarde no collegio de Pedro II com o professor de religiãõ, monsenhor Felix, de saudosa memoria, em um voluminho que tem por titulo:— *Catecismo da doutrina ebristã para uso da Associação Catholica no Rio de Janeiro, da qual é protector o Exmo. e Rvmo. Sr. Bispo Conde Capellão mór.*

Senhores, é singular: este livrinho conta apenas 105 paginas, ou antes umas 80, deduzidas 25 que são occupadas por varias orações; e, comtudo, não se me têm deparado difficuldades na vida, ou como christão ou como cidadão, não tenho encontrado problema cuja solução não se me offereça nestas paginas!

Todos os deveres para com os meus superiores, desde Nosso PAE e SUPREMO SENHOR até ao meu semelhante, de direito ou de facto constituido em autoridade na escala social; todos os deveres para com os meus inferiores; todas as regras de conducta; todos os preceitos e ensinamentos ahi se acham claros, enunciados em linguagem que uma criança facilmente comprehende. Não estranheis, portanto, que deste precioso livrinho eu desentranhe umas idéas, que são as minhas, como devem ser as vossas. E' aqui, á pagina 46, onde se explica o 9º artigo do Symbolo dos Apostolos e se trata dos— *caracteres da Igreja*. Estes são quatro, diz o catecismo: uma, santa, *catholica* e apostolica.— Porque dizeis que a Igreja é catholica? pergunta o catechista; e logo acode com a resposta: «Digo que a Igreja é ~~catechista~~, isto é, universal, porque se estende a todos os tempos e a todos os logares.» Nada mais, senhores, porém está dito tudo. (*Approvações.*)

Sim, a todos os tempos, porque ella vem do primeiro homem; até nós, e de nós se estenderá aos que têm de

catholica,

ouvir o clangoroso pregão do juízo final. Sim, a todos os logares, porque, pela vastidão do orbe, innumerous povos conhecem a JESUS CHRISTO e aprenderam a adoral-o na Hostia consagrada.

Catholica, isto é, *universal*, diz o catecismo, e disse bem, porque na sua transparente etymologia o vocabulo, de origem grega, proclama a generalidade, a totalidade, a universalidade das nossas crenças. Não ha um catholicismo francez, belga, allemão ou brasileiro: mas todo catholico, no que se refere á religião, sente-se irmão do outro homem que com elle communga no mesmo credo.

Taes eram, senhores, as minhas idéas quando subito irrompeu o clamor de que tendes noticia, e que á porta de um velho mosteiro ia buscar *monges estrangeiros* para deportal-os, ou talvez, para justical-os como malfeteiros; e então entrei a perguntar commigo mesmo:— Por que e para que tamanho alarido? São catholicos os que isso fazem? Se não são, porque se ingerem nas questões do catholicismo? Que se lhes dá do governo de uma abbadia, a elles que não pertencem á nossa Egreja? (*Approvações.*) E por outro lado, se são catholicos, como é que tão feia-mente desconhecem a sua doutrina? Como é que fazem questão de nacionalidade no que é essencialmente universal?

Em um dos *meetings* a parte do qual assisti— porque o spectaculo de uma multidão conturbada, comquanto doloroso, é sempre interessante para um espirito observador— certo orador vozeava que era preciso fundar o *catholicismo brasileiro*. Uma *universalidade parcial*— teria dito melhor. No dia em que a tivesse creado, apenas houvera engendrado um scisma. Senhores, ou o catecismo está errado, ou esse orador não aprendeu o catecismo! (*Riso.*)

Longamente meditei sobre todas estas contradicções, e procurei explical-as. Em frente de um erro ou de um crime, apraz-me indagar da genese do delicto ou do absurdo. Isto ensina a ser tolerante. Tratei, pois, de applicar o meu methodo ao caso de pathologia social que se me antolhava, e então cheguei a concluir que, catholicos muito embora, esses homens eram victimas de uma

obsessão patriótica. Fanáticos pelo nosso paiz — imaginei para desculpal-os, e tambem era a sua unica desculpa — elles revolveram os annaes da nossa terra e lá, talvez, encontraram a historia de *frades estrangeiros* oppressores, inimigos do Brasil e sobre cuja memoria pese o anathema dos seculos... Perfeitamente! — disse commigo mesmo: vámos á historia! Precisamos de um banho lustral de historia! E ahí está, senhores, porque, emquanto as turbas se agitavam nas ruas, eu, no fundo da minha modesta bibliotheca, desgostoso, assombrado, enojado do presente, consultava os nossos velhos historiadores, pedindo-lhes lições que, accusando o *frade estrangeiro*, excusassem o desvaio dos seus inimigos.

E os livros, senhores, responderam-me cabalmente.

O primeiro *frade estrangeiro* que se me apresentou foi frei Henrique de Coimbra. Vós bem o conheceis e, quando quereis vel-o, basta-vos ir á praça da Gloria, onde está o monumento de Pedro Alvares Cabral. Lá se acha tambem o illustre franciscano que disse a primeira missa no Brasil. Na *Historia Seraphica*, de Fernando da Soledade (Lisbõa, 1705, tomo 3º, pagina 489), li que foi homem de merecimento: «Frei Henrique de Coimbra, homem de não vulgar talento e espirito. Tinha largado a toga de desembargador da Casa da Supplicação em Lisbõa pelas asperezas do nosso instituto, que abraçou no convento de Alemquer, onde foi noviço com tanto fervor que logo deu indicios claros de suas virtudes eminentes.»

Que este frade não merece os desdens nem os odios da actualidade, bem se demonstra pelo facto de o haver a republica fundido em bronze (*Riso.*) Dir-me-heis que não era propriamente um estrangeiro, porque então tudo era portuguez: e eu vos respondo que não. Muitos dos assistentes da primeira missa eram brasileiros natos, e posso dizer que mesmo jacobinos, porque não hesitavam em proceder ás mais summarias e rapidas execuções. (*Riso.*)

Neste ponto occorre-me, senhores, tirar ensinamento de duas circumstancias, para as quaes chamo a vossa illustrada attenção. Porque, de tantos frades que depois se illustraram na catechese e no desbravamento moral do

Brasil, só este, comquanto estrangeiro, têm merecido ás honras do bronze estatuario? Quer parecer-me, senhores, que foi por se ter apenas contentado com dizer a sua missa, prégar o seu sermão e voltar para a sua casa. (*Riso.*) Já naquelle tempo optimamente se dava o mundo com esse genero manso de frades. Os mãos são os catechiistas, os missionarios, ou de bugres ou de homens que se suppõem civilizados. O frade ou padre que se limita ás funcções puramente cultuaes, não tem inimigos: sabem que elle é inoffensivo... Mas se nas suas prégações elle ataca, qual João Baptista, os vícios e torpezas de um Herodes; se, como S. Paulo, proclama, perante a Roma dos Cesares, a sublime «loucura da Cruz»; se o frade lança mão da imprensa, como, segundo já disse alguém, certamente faria o Apostolo das Gentes, dado que vivera em nossos dias—oh! então o frade, longe de ser perpetuado em effigie, corre o perigo de ser lapidado vivo! (*Applausos.*)

A outra observação que vos queria fazer, senhores, é sobre aquelles nossos patricios, brasileiros natos, que, com gestos adequados, acompanhavam a cerimonia da primeira missa, dando muitos signaes de compunção. Todos os chronistas que narram o facto mostram-se abalados, inclinando-se a nisto ver patentes mostras de predisposição para as cousas celestiaes... Mas não nos enganemos, senhores. Annos depois os filhos desses selvagens, ou talvez mesmo alguns delles, matavam e devoravam o primeiro Bispo do Brasil. E parece que entre nós têm descendentes e imitadores. Ainda os ha, caboclos dessa feição, que vão á egreja, que para os jornaes fazem artigos dizendo-se catholicos—e que, todavia, não trepidam, como os soldados no drama da Crucifixão, em rasgar a tunica da Egreja e repartil-a consoante ás suas cobiças. Felizmente, senhores, ella é inconsutil,—inconsutil e indilaceravel! (*Applausos.*)

Deixemos, porém, absolvido da pécha de inimigo de nossa patria o illustre *frade estrangeiro* que celebrou a primeira missa no Brasil, e, nesta rapida excursão, pois não pequeno é o caminho que temos de percorrer, já lobrigamos o vulto de um jesuita—e que jesuita, senhores! Chamava-se José de Anchieta!

Este, sim, é bem *estrangeiro*: estrangeiro para nós, porque nasceu fóra do Brasil; estrangeiro para nossos antepassados, os portuguezes, porque era hespanhol.

José de Anchieta veio ao mundo, como não ignoraes, na cidade de Laguna, antiga capital do archipelago das Canarias, situada na ilha de Teneriffe, onde se eleva o famoso pico de Teyde.

Nascido no dia de S. José, aos 19 de março de 1534, exactamente o anno em que D. João III completava os lineamentos do seu projecto de povoamento do Brasil, segundo o plano das capitánias hereditarias, Anchieta foi recebido pelos jesuítas, na sua casa de Coimbra, no dia 1 de maio de 1551. Cousa extraordinária para os nossos tempos! Os portuguezes de então não faziam, em religião, a menor differença entre nacionaes e estrangeiros! O novo filho de S. Ignacio foi tão bem recebido como se tivera visto a primeira luz em terras de Portugal; e o provincial Simão Rodrigues não oppoz o menor embaço a que, de mistura com outros religiosos, viesse o joven Anchieta trabalhar no Brasil, quando para cá foi despachado Duarte da Costa, segundo governador.

Senhores, sei que fallo a pessoas assás lidas na historia patria para que julgue necessario, já não direi uma narração desenvolvida, porque esta demandaria longas horas, mas um esboço siquer dos trabalhos de Anchieta em nosso paiz. Elle foi visto onde quer que o exigiam os interesses da religião e do nascente Brasil. Catechizou o selvagem e, pela palavra e com o exemplo, saneou a moralidade dos primeiros habitantes. Foi o élo da paz, foi o iris da alliança entre o colono avido, lascivo, deshumano e o silvícola suspeito, traiçoeiro e feroz.

Este *frade estrangeiro*, tendo começado o seu serviço de catechese na Bahia, passou-se á capitania de S. Vicente, onde, a 25 de janeiro de 1554, se dizia, em uma *pauperrima e estreitissima casinba*, a missa commemorativa da conversão de S. Paulo. Foi este o berço do collegio, da cidade e da capitania de S. Paulo, depois provincia, hoje estado do mesmo nome, e, certamente, uma das regiões mais prosperas do nosso Brasil.

De como ahi viviam Anchieta e outros *frades estrangeiros* dão testemunho as memorias coetaneas. Um casebre feito de páos e barro, coberto de sapê, servia ao mesmo tempo de escola, de enfermaria, de refeitório, de cozinha e de dispensa. Em poucas e singelas palavras, não dirigidas á posteridade, á qual, de certo, jámais imaginou que lo-grassem chegar, Anchieta nos dá uma idéa de tamanhas penurias. «Em taes estreitezas nos achamos em verdade collocados (escreveu elle) que é muitas vezes necessario aos irmãos explicarem a lição de grammatica no campo; e, como ordinariamente o frio nos incommoda da parte de fóra, e dentro de casa o fumo, preferimos soffrer o incommodo do frio de fóra do que o do fumo de dentro.» Que opulencia, senhores, a desses religiosos *estrangeiros!*

E como a toleravam? Longe de com tal pauperie anotar-se, della dizia Anchieta: «Não invejamos os espaçosos aposentos de que em outras partes gozam os nossos irmãos, pois Nosso Senhor JESUS CHRISTO se collocou em mais estreito logar, e dignou-se nascer em pobre mangedoura, entre dous brutos animaes, e morrer em altissima cruz por nós.» (Carta inserta nos *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. I.)

Accrescia á pobreza o excesso de trabalho: «Muitas vezes, conta o missionario,— para acudir a baptizar ou confessar um escravo de um portuguez, se andam seis ou sete leguas a pé e as vezes sem comer...» (*Informações e fragmentos historicos do padre José de Anchieta*, Rio, 1886, pag. 20).

Não ha quem não tenha ouvido fallar na confederação dos Tamoyos, facto importantissimo da nossa quadra colonial, e do qual fez uma epopéa o genio de Gonçalves de Magalhães, visconde de Araguaya. Aos francezes, que tentavam estabelecer-se nesta nossa bahia de Guanabara, colligaram-se os Tamoyos. Conciliados pela habilidade do recente invasor, os indigenas constituíam um perigo formidavel para os portuguezes. De uma e outra parte faziam-se temerosos aprestos. O sangue humano ia correr a jorros. Ora, foi nestas conjuncturas que o *frade estrangeiro* José de Anchieta se offereceu para desarmar com a palavra

o indio offendido e vingativo. Southey, o historiador insuspeito, porque era protestante, opina que «de mais perigosa embaixada nunca ninguem se encarregara.»

Anchieta parte em um navio do genovez Francisco Adorno. Veleja para Ubatuba, que naquelle tempo se dizia Iperoig. Quando o barco se approximava da costa, estava ella coalhada de gente feroz e embravecida... Parecia um *meeting!* (*Riso.*) Tomam os indios canoas e dispõem-se a aggreir o navio de Anchieta. O *frade estrangeiro* aparta-se dos seus e apresenta-se sósinho. Como arma unica, eleva bem alto o Crucifixo, a imagem do sacrificio resignado, ensinando aos homens todas as resignações no sacrificio. Diante desse homem, tão sereno em sua fraqueza corporea, hesitam as coleras mais impetuosas. Consente-se em ouvi-lo, o que já era meia victoria para a causa da boa razão. Ouvem-n'o. Celebra-se o armistício. Confiado na lealdade daquelles filhos da natureza, o padre deixa-se levar por elles, e entre elles permanece como refém. Tamanha coragem subjuga, conquista a admiração dos bravos; tamanha doçura angaria a affeição dos mais desconfiados. Celebra-se, finalmente, o pacto... Estava frustada a machinação dos novos invasores, estava salva a incipiente America Portugueza. Para tal fim, em nossos dias, ter-se-hia mandado um diplomata, ou, peor ainda, um general com seus soldados—e o sangue houvera corrido. Então mandou-se um religioso e tudo se pacificou. Confessae, senhores, que este *frade estrangeiro* não pouco fez pela causa de Portugal e do Brasil! (*Applausos.*)

Não foi tudo. Quem hoje passa pela praia de Santa Luzia vê um edificio notavel, o Hospital da Santa Casa da Misericordia. Quaes os primordios da instituição que hoje allí tem o seu principal estabelecimento, nos refere, no seu *Sanctuario Mariano*, Frei Agostinho de Santa Maria. São poucas linhas, permitti que vol-as cite: «Pelos annos de 1582 (diz o chronista) se entende teve principio a Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro, ou poucos annos antes; porque neste anno chegou áquelle porto uma armada de Castella, de que era general Diogo Flores Baldez. Com os temporaes pudeceu esta armada muito, porque lhe adoeceu muita gente. Achava-se naquella ci-

INSTITUTO DE
ESTUDOS AVANÇADOS

ACERVO JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES

USP

dade o veneravel padre José de Anchieta, visitando o collegio que alli teve a companhia, fundado no anno de 1567. E como o veneravel padre José de Anchieta era varão santo, levado da caridade, tomou muito por sua conta a cura e o remedio de todos aquelles enfermos, dando traça como se lhes assignasse uma casa, em que pudésem ser curados todos e assistidos — entendendo muitos que então tivera principio a Casa da Santa Misericordia, que hoje é nobilissima.» (*Op. cit.*, vol. X.)

Em Iiritiba, que depois foi Benevente, e hoje tem o nome de Anchieta, falleceu este religioso estrangeiro a 9 de junho de 1597. Ha sete annos, em 1896, fizeram-se em S. Paulo preparativos para uma brilhante festa de tricentenario. Celebraram-se bellissimas conferencias, em que luziram estremados engenhos... Mas a festa não teve, valha a verdade, o esplendor que fôra de esperar. Sobre o tumulo do santo catechista esparziram-se aquellas flores litterarias, e foi tudo. As grandes procissões civicas, as apothoses entusiasticas e estrondosas, minha patria hoje as reserva, não para os que consolam, mas para os que encarceram, não para os que doutrinam, mas para os que fuzilam e degollam... (*Sensação.*) Mas não importa, passemos a outro frade.

Este é ainda do mesmo seculo, e tambem estrangeiro, Nasceu em Medina del Rio Secco, localidade proxima de Salamanca, na Hespanha, em principio de 1498. Chamou-se frei Pedro de Palacios.

Tendo entrado para o convento de S. José dos Reforçados, em Castella, passou depois para o recolhimento da Arrabida, em Portugal. Neste velho reino—e naquella época—não predominavam certos preconceitos muito em voga neste seculo das luzes. Ninguem lançou em rosto a Pedro de Palacios o não ter nascido em terras de Portugal. Esteve em Lisboa, ao serviço da enfermaria, e lá operou verdadeiros prodigios de caridade; porém mais difficeis misteres lhe tinha reservado AQUELLE que tudo conhece e sabe medir as nossas aptidões.

Em 1558 os habitantes da villa do Espirito Santo, no Brasil, viam desembarcar um religioso capucho. Era Frei Palacios. Sabeis como se compunham os grupos de emi-

grantes para a colonização do Brasil. Aventureiros da peor especie, ineptos ou viciosos, que absolutamente não podiam fazer carreira na patria, soldados brutaes, mulheres de vida airada, galés, a cupidez e a lascívia, a boçalidade e o crime pejavam as náos que do velho reino se endereçavam á nascente colonia. Foi com esta escoria da população que se teve de haver o frade recém-chegado. Elle vinha, pescador de almas, procural-as no pégo do gentilismo, e achou-as logo, no littoral, naquelle triste nucleo de christãos deschristianizados.—«Não! teria elle dito; vamos a estes primeiro. Os outros, ao menos, poderão um dia allegar perante o SUPREMO JULGADOR a ignorancia invenível na sua misera condição: mas esses a quem foi prégado o Evangelho e que escandalosamente o postergam! esses que foram baptizados e que vivem afundados no tremedal de todas as torpezas! Vamos a estes primeiro...» E foi, senhores, e de tal escoria, refundida no crysol da religião, soube fazer almas novas; reformou os costumes, debellou os vícios, ensinou áquelles degradados o caminho da outra patria, mais alta e mais bella, a patria celestial. Eis a missão deste *frade estrangeiro*, e não podeis dizer que foi pequena.

Deram-n'o como fundador do convento que alteroso se ergue sobre o monte da Penha, á margem meridional da bahia do Espirito Santo. Na gruta que demora junto ao sopé do monte, mão piedosa modernamente gravou uma inscripção, indicando que alli foi a primeira habitação de frei Palacios; e accrescenta haver elle sido quem construiu o convento no alto do morro: *Mirum coenobium constructum vertice rupis*. Mas averiguações posteriores nos ensinam que a outros cabe a honra de ter erigido o bello edificio. Frei Palacios, porém, se não ergueu tamanha fabrica, edificou outros templos, e talvez mais bem acceitos do SENHOR, corrigindo e moralizando os primeiros habitadores do Espirito Santo.

Em 2 de maio de 1575 (ou de 1570, como querem alguns), os colonos do Espirito Santo, dando pela falta do homem de DEUS, que de quasi todos fizera amigos e filhos espirituaes, subiram á Penha, onde elle tinha construido, não o convento actual, mas uma simples ermida, e deram

com o frade de joelhos, encostado ao altar, braços estendidos, mãos postas, olhos erguidos ao céu. Aguardaram muito tempo que findasse aquella extatica prece,—mas em vão. Estava morto... Estrangeiro em Portugal e no Brasil, tinha finalmente achado sua patria verdadeira.

O processo para a canonização deste operario de DEUS foi, segundo creio, encetado. Então, como sabeis, o Papa manda inquirir minuciosissimamente de todas as circumstancias que possam alterar, pró ou contra, o conceito geral sobre os meritos do canonizando. *Advogados do diabo* chamam-se os que impugnam a canonização, apontando falhas ou defeitos que invalidem a opinião da santidade... Pois bem! se no processo de frei Palacios lograssem ser ouvidos certos *advogados do diabo*, como tantos entre nós existem (*riso*), o defeito assacado seria este, infallivelmente: — não ter sido brasileiro nato... (*Riso*). Mas eu espero, senhores, que a sabedoria inerravel do Summo Pontifice nunca faça do logar do nascimento uma condição de santidade.

Terceiro... terceiro, não, quarto *frade estrangeiro* se pôde considerar um jesuita que teve por nome Antonio Vieira.

Nasceu em Lisbôa aos 6 de fevereiro de 1608. Francamente, eu preferia que o local do seu nascimento houvesse sido, por exemplo, Guaratinguetá; mas não se pôde discutir o que consta de irrefragavel documento: elle nasceu em Lisbôa. Era, portanto, para os nativistas do seu tempo, um *estrangeiro*, ou, peor ainda, um *jesuita*. Dous monstros *in carne una!*

E que fez elle?

Catechista, entrou pelos sertões a dentro, conquistando para a christandade muitissimas tribus do gentio brasilico; homem politico, foi o braço direito do seu soberano, e propoz medidas e angariou recursos para a expulsão do Hollandez, que tinha empolgado o norte do Brasil; prégador, eclipsou os mais distinctos e, na finura dos conceitos, bem como nas audacias do estylo, subiu tão alto que ainda nenhum se lhe approximou; prosador emérito, delle se pôde com justeza dizer que fixou a syntaxe vernacula, assim como fixara Camões o lexico portuguez.

Pelo que diz respeito ao nosso Brasil, senhores, é impossível fazer a historia do seculo decimo setimo sem repetidamente encontrar Vieira. Direi mais : o vulto deste *padre estrangeiro* enche todo esse periodo no Brasil ; e, por isto, optima prova de criterio deu o nosso Instituto Historico e Geographico, quando na secção consagrada, em sua *Revista Trimensal*, a registrar as biographias dos — *Brasileiros* distinctos por letras, armas, virtudes, etc.— em o numero de taes compatricios incluiu Antonio Vieira, publicando um resumo de sua vida á pagina 229 do 6º volume.

O que mais particularmente nos interessa na vida de Vieira, é, senhores, o santo amor que sempre dedicou á catechese e á liberdade dos indios. Os brancos effectuavam pelo amago do paiz correrias em que aprisionavam e reduziam a captiveiro os profugos selvagens. Arrancavam-lhes as mulheres e as filhas, matavam as crianças, e dos homens válidos faziam, á força de pancadas, servos para os trabalhos ruraes. Era a escravidão debaixo da fórma mais odiosa. A nossa historia colonial está cheia desses horriveis attentados, eterna vergonha do homem civilizado, macula indelevel na conquista do continente pela intrepida iniciativa dos nossos avós. Pois bem, senhores, foi contra esta ordem de cousas que se ergueram os jesuitas e á frente delles o famoso Vieira.

Sabeis qual a magnitude da sua obra? Que nol-o diga um dos seus mais conceituados biographos. Depois de citar os missionarios que Vieira distribuiu pelas diversas estancias ou aldeias, explica elle :

«Estes são os filhos de Santo Ignacio, que de dous em dous, como os discipulos de CHRISTO, se apostaram a levar, por aquella inculta região e barbaridade cega, os resplendores da doutrina e da fé. Depois, pelas occurrencias do tempo, teve, em parte, alguma mudança este systema. O espaço desta campanha de norte a sul (aqui chamo, senhores, vossa attenção) é de mais de quatrocentas leguas por costa ; as christandades e aldeias que nellas se contavam, eram cincoenta e quatro ; as almas, mais de duzentas mil. Não se contém nesta resenha com estancia determinada, porque queria estar em todas, o

capitão e cabo de todos, o padre Antonio Vieira; porque, disposto primeiro o seu exercito para a parte do norte, isto é, do Maranhão até ao rio das Amazonas, reservava-se para passar ao sul até á Fortaleza do Ceará, que são os dous termos do Estado, e ainda revolvia no animo mais comprida jornada.» (ANDRÉ DE BARROS, *Vida do padre Antonio Vieira*, pagina 117 da edição lisbonense de 1858.)

Eu vos pergunto, senhores, onde actualmente os planos de civilização dos indigenas, os quaes com este se possam comparar? O nativismo, que tão vesgos olhos lança aos estrangeiros, nossos auxiliares em religião, deveria olhar para isto e chamar a si a magna tarefa da catechese. Não é logico que, sendo para elle essencial requisito o haver nascido no Brasil, á sua triste sorte abandone tamanho numero de brasileiros natos, de que, pelo menos, se poderiam fazer magnificos eleitores, soberbos oradores de *meetings* e até ministros do Supremo Tribunal. (*Hilaridade.*)

E os Srs. positivistas, tambem, porque não se entregam a essa nobre missão? S. Francisco Xavier e S. Ignacio de Loyola figuram no calendario de Augusto Comte, a 22 de S. Paulo, que é o sexto mez do anno... O que vemos, porém, é que os missionarios dessa grei, em vez de se atirarem ás privações, ás intemperies, aos perigos, como os prégadores catholicos, fazem questão de dinheiro para se estabelecerem em uma basilica, e com pingue dotação garantida. Eu bem quizera contemplar o (com licença de V. Ex. Revma.) bispo positivista do Rio, sósinho, ou com dous ou tres companheiros, a trabalhar pela catechese nas florestas de Goyaz ou Matto-Grosso. (*Riso.*) Eu sentiria que de suas palavras não pudesse brotar a luz do Evangelho, mas em todo o caso lhe respeitaria a sinceridade... Tal, porém, não succederá, senhores; os propagandistas do comtismo preferem ir para a capital da França, Paris, centro de todas as mundanidades e prazeres. (*Approvações.*)

E já que tocamos neste assumpto de catechese, preciso é reconhecermos que o não muito que existe, absolu-

tamente não tem cunho nativista, porque é fructo dos esforços e da corajosa dedicação de frades estrangeiros. (*)

São dominicanos estrangeiros os que ora catechizam nas margens do Araguaya, em territorios do Pará e de Goyaz. Fundaram alli a colonia da Conceição do Araguaya, nucleo de mais de quatro mil pessoas; mantêm dous collegios, um internato de cincoenta meninos, e um externato para numero indeterminado de meninas, dirigido este pelas Irmãs Dominicanas, que alli são mestras e exemplares de recato femínil.

Estrangeiros tambem são os Salesianos que trabalham em Matto-Grosso. Ainda hoje, neste mesmo salão do Circulo, mostraram-me uma photographia de catechumenos matto-grossenses. No meio delles estava o catechista, não um positivista de fraque, mas um homem de batina, de physionomia calma, placida, com a serenidade que dá a consciencia do dever, e tendo ao peito a sua, a nossa Cruz — a Cruz, seu e nosso emblema, seu e nosso estandarte, seu e nosso programma.

Estrangeiros ainda, os franciscanos dos sertões de S. Paulo e do Maranhão, nas celebres missões onde o lucro que colheram foi o saque, foi a tortura, foi o martyrio, na espantosa matança de que tanto fallaram os jornaes... Por toda a parte encontrareis o rasto de sangue dos catechistas... E que ingratição, senhores, o pisa-o com odio, porque seja o do estrangeiro! (*Sensação.*) Elle foi derramado pelo nosso CHRISTO e pela nossa patria! (*Applausos*).

Prosigamos, porém... A *mais comprida jornada*, de que fallava André de Barros nas palavras que vos li, não chegou infelizmente a realizar-se. Prohibidas que foram as *entradas livres*, enfureceram-se os colonos e arderam em furias contra os jesuitas.

Entradas livres! Notae bem, com que artificios de linguagem sabe o demonio colorir as suas negras idéas. O que o colono do Maranhão pretendia, era isto: fazer *entradas livres*. O jesuita empecia-lhes esta *liberdade*... Logo era o jesuita o inimigo da liberdade, o elemento anti-liberal e abominando. Considerae, porém, que a *entrada livre* era a

(*) Leia-se a nota final.

incursão em procura de miserimos escravizando; era a lascívia a pascer-se nas mulheres, era a ferocidade a cevar-se nos homens. O que elles queriam, esses colonos do Maranhão, era a liberdade de entrar abusivamente pela propriedade e pela segurança dos outros. Nem tal vos admire, senhores. Em nossos dias, agora mesmo, ha quem pugne pela *liberdade de reunião*, tal como lá a entendem elles. E como é que a entendem? Como a liberdade de reunir desvairados, açular-lhes as paixões, apupar os jornalistas que não propugnam os seus erros, escalar mosteiros, e, cem contra um, perseguir homens inermes! Os *meetings* de hoje são primos co-irmãos das *entradas livres* de hontem. (*Applausos*).

Não podendo portanto, os do Maranhão tolerar as represas que lhes punha Antonio Vieira á cobiça e á incontinencia, cercaram os padres no seu collegio; tiraram-n'os de lá no meio de apodos e injurias; arrastaram-n'os pelas ruas e obrigaram-n'os a embarcar sem o conforto que que exigiam a dignidade sacerdotal, os muitos serviços que taes homens tinham prestado ao Brasil. Senhores, tudo isto nos parece cruel, selvagem, absurdamente bestial; mas outra não é, através dos seculos, a longa historia do apostolado catholico. E, se dispostos vos achardes a um movimento de orgulho, acreditando viver em época de maior tolerancia, lembrae-vos do que entre nós succedeu, ha dias, quando monges veneraveis pelo seu saber e pelas suas virtudes foram coagidos, de noite e sob a imminencia da morte, a deixar o seu cenobio, asylando-se á sombra protectora do palacio archi-episcopal. Hoje, como sempre, a liberdade é o motte, é o pretexto, é a fallaciosa divisa, — mas a realidade é a perseguição contra os que, desbravando os caminhos de Deus, encontram e têm que desalojar a serpe do interesse.

Não acompanharei, senhores, o padre Vieira em todos os incidentes da sua longa existencia. Para isto fóra mister não uma, porém muitas conferencias. O que fica dito, é o essencial, e aqui não posso senão esflorar os assumptos, receioso de fatigar-vos. (*Não, não!*)

Urge apressar-nos, — e, observando que até agora só tenho fallado de franciscanos e jesuitas, passarei a lembrar

alguns beneditinos. Nisto, aliás, vou seguindo a ordem dos factos. Como bem adverte frei Jaboatão, em seu *Novo Orbe Seraphico Brasileiro*, os primeiros trabalhadores da obra celestial, em terras do Brasil, aquelles que Deus nos enviou á hora de prima, *primo mane*, ao romper do dia, foram os franciscanos; vieram depois os jesuitas, e só mais tarde os beneditinos, ordem mais repousada e sapientíssima, e assim destinada para a colheita dos fructos, de que os outros já tinham lançado as sementes. Ora, senhores, bem é que o saibais, nesta meritíssima Ordem Benedictina antigamente não se fazia questão de nativismo.

Uma das glorias — e tantas são ellas! — da Ordem Benedictina no Brasil é D. frei Antonio do Desterro, que nasceu em Portugal, em Vianna de Lima, no dia de S. Antonio, 13 de junho de 1694. Já era bispo de Loanda quando veio para a diocese do Rio de Janeiro, onde na lista dos prelados occupa o sexto lugar.

Foi homem de tão distinctas qualidades que dos contemporaneos mereceu o titulo de *mestre dos bispos*. Governou vinte e sete annos esta afanosa diocese, cingindo a mitra cujos pungentes espinhos V. Ex. Revma. tão fundamentalmente está sentindo; e á maior severidade no tocante á correção dos costumes soube alliar maxima caridade para com os infelizes.

Regularizou o assentamento de baptismos, casamentos e obitos, e obrigou os parochos ao ensino da doutrina christã por espaço de meia hora, pelo menos, antes da missa dominical. Mitigou o soffrimento dos escravos, interpondo-se entre elles e seus senhores, e inspirando a uns o sentimento da obediencia e aos outros o da commiserção. Prohibiu o enterramento dos negros em logares não sagrados, como até então se costumava fazer — e assim praticamente deu aquella sabia lição da perfeita egualdade humana entre as formidaveis barreiras da morte. Foi elle quem legou á mitra a Quinta do Rio Comprido, onde hoje se acha o Seminario de S. José. Finalmente, quando morreu, aos setenta e nove annos de idade, em 1773, immensa foi a tristeza dos fluminenses.

Era portuguez da gemma, senhores, pelo nascimento, e, todavia, o dr. Joaquim Manuel de Macedo, meu finado mestre, filiado á escola politica liberal e que com muitas cousas certas me ensinou tambem algumas erradas (*riso*) sobre historia do Brasil — o dr. Macedo não hesitou em incluir d. frei Antonio do Desterro entre os nossos compatriotas illustres no seu *Anno Biographico Brasileiro*. Esta publicação, como não ignoraes, foi escripta para figurar na Exposição de Philadelphia, em 1876, e alli dar idéa do adiantamento moral e intellectual da nossa patria, tão opulenta de homens illustres que podia apontar um em cada dia do anno. Perfeitamente: e Macedo, nessa galeria nacional, abriu espaço para o *frade estrangeiro*, que ao Brasil consagrara tantos annos da actividade no bem fazer. Elle lá se acha no artigo correspondente á data 13 de junho, dia do seu nascimento. Era assim que ha alguns annos se comprehendia o patriotismo. (*Muito bem!*)

Outro exemplo — e na mesma Ordem — é aquelle benemerito francez, que no seculo se chamou Camillo Cléau, e no claustro frei Camillo de Monserrate. Este é dos nossos dias. Muitas das pessoas que neste salão se acham, pôdem tel-o conhecido pessoalmente.

Nasceu na cidade de Paris, em 1818. Era (diz-se) filho natural do inditoso duque de Berry, e tomara o nome da familia em cujo seio achou abrigo. Não me proponho aqui fazer-vos a sua circumstanciada biographia, que foi objecto de acuradissimo estudo do illustrado sr. Barão de Ramis. Basta assegurar-vos que foi homem erudito e de vida pura e laboriosa. Em França, não se resignando á carreira de advogado, ou de tabellião, a que o destinavam, applicou-se a estudos de alta litteratura e principalmente de archeologia. Trabalhou como secretario de Letronne, um dos mais famosos archeologos do seu tempo. Conhecendo, afinal, o triste segredo de seu nascimento e desavindo-se com a sua familia de adopção, veio para o Brasil em 1844, quando contava 26 annos de idade; a 2 de outubro de 1847 era promulgado o decreto de sua naturalização, e a 12 de novembro do mesmo anno entrou como noviço, fazendo profissão de votos no 1º de janeiro de 1849.

Ninguém lhe estranhou que tivesse nascido em França; ninguém lhe atirou em rosto o labéu de *frade estrangeiro*. Entrou para a Ordem Benedictina e logo lhe aproveitaram as especiaes aptidões, encarregando-o de reorganizar a bibliotheca do mosteiro.

Mais ainda, senhores: o governo imperial, julgando que ao recondito do cenobio não se deveram limitar os serviços do illustre monge, em 1850 o nomeou professor da 2ª cadeira de geographia e de historia do collegio de D. Pedro II. E com que termos, senhores, naquelle tempo se acolhia e honrava o *monge estrangeiro*! Era inspector geral da instrucção publica o dr. Joaquim Caetano da Silva, valente restaurador do nosso direito na secular questão de limites com a Guyana Franceza, autor da obra monumental *L'Oyapoc et l'Amazone*, trabalho de tão elevado merito que, quando o sr. Barão do Rio Branco propugnava a nossa causa, acertado julgou incluir, por extenso, o livro de Joaquim Caetano na memoria comprobatoria do bom direito brasileiro... Pois, senhores, o dr. Joaquim Caetano, modesto predecessor do sr. Medeiros e Albuquerque (*riso*), communicando a frei Camillo a nomeação que este não solicitára, usou das seguintes palavras: « Felicitome com este collegio pela preciosissima acquisição que faz na pessoa de Vossa Senhoria Reverendissima. »

Pouco depois, e indo, sempre solícito, ao encontro do saber e da virtude, o finado Imperador, o Sr. D. Pedro II, de gloriosa memoria, nomeou frei Camillo bibliothecario da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, cargo de que elle tomou posse em 1853, que exerceu dezesete annos, até a sua morte, em 1870, e no qual teve longo ensejo de patentear todos os bellos dotes da sua poderosa intelligencia.

Com estes factos, que ligeiramente rememoro, uma cousa se prova, meus senhores: que o odio ao estrangeiro não é uma tradição, mas antes modernissima anomalia na Ordem de S. Bento, e cá fóra entre seculares. Foi preciso que se escancarassem as portas da nossa nacionalidade pela naturalização tacita e quasi obrigatoria, para que se venha agora agitar nas ruas, como um facho demagogico e incendiario, essa distincção de brasileiros natos e natu-

realizados, fazendo-se do local do nascimento um motivo de suspeição e de ódio! (*Applausos.*)

Descendo pela série dos tempos eu vos peço, senhores, que em pensamento nos transportemos aos campos de batalha do Paraguay. Allí, na confusão dessá tremenda lucta, nas linhas de fogo varridas pela fuzilaria, nas ambulancias mal seguras das granadas homicidas, não raro, no mais acceso dos combates, entre o relampear do ferro e a caligem da fumaça, alguns homens verieis occupados em levar conforto aos feridos e o perdão de um DEUS misericordioso ao soldado arquejante e moribundo. No entusiasmo do seu piedoso dever, esses homens, sublimes na sua temeridade, nem cuidavam dos perigos que de todas as partes os ameaçavam; e diante delles, por onde quer que passavam, abatiam-se as espadas, desviavam-se as bayonetas, como que pezarosas da sua missão de morticínio. (*Muito bem!*) Occorre-me o nome de um desses homens: chamava-se frei Caetano de Messina; era o outro frei Fidelis d'Avola. O governo imperial, não podendo pregar-lhes ao peito o distinctivo dos bravos, deu-lhes honras de coronel. Sob o regimen da republica, Floriano Peixoto, que, apezar dos seus desvaios e crimes, tambem foi soldado valoroso, elevou-lhes as honras do posto ao generalato. Mas esses homens, senhores, não erão brasileiros natos; tinham nascido ambos na Italia: eram *frades estrangeiros.* (*Applausos.*)

Vamos adiante. Estamos quasi chegados aos nossos dias. Quando um finado bispo desta diocese, o sr. Conde de S. Agostinho, deliberou concentrar na casa do Rio Comprido os dous seminarios, o maior e o menor, foram dispensados do exercicio do magisterio os padres lazaristas, que no largo da Mãe do Bispo tinham até então servido.

A um delles conheci muito, era o padre Hehn. Nascêra em 1848, na Allemanha, naquella antiga cidade de Koeln, ou Colonia, patria de S. Bruno, creador das austeridades da Cartucha. Veiu para o Brasil em 1873. Regeu cadeiras de philosophia, theologia e outras materias no seminario de Diamantina e aqui no do Rio. De suas illibadas virtudes dá prova o facto de o ter escolhido para seu confessor

d. Pedro Maria de Lacerda, bispo desta diocese, em cuja tímida consciencia parece que com a santidade recresciam os temores do demérito. Em poucas palavras: era o padre Hehn um homem de saber e de bem, na mais completa accepção da palavra.

Dispensados os seus serviços pedagogicos, para onde pensaes que foi elle? Para a Europa onde tinha familia? Não—que outra e mais chegada familia lhe deparava a Providencia. Foi trabalhar como capellão no Hospital da Misericordia.

Manejava este padre, com rarissima pericia, muitissimos idiomas. Ao hospital affluem, como sabeis, individuos de todas as nacionalidades, naufragos que batidos pelo tufão da desgraça alli chegam de todas as partes do mundo. Que tristeza, naquellas extensas enfermarias, onde tantos de vós haveis estado, ou levados pela caridade ou pelo dever profissional,—que tristeza para o enfermo, arredado de seu paiz, em não encontrando, longe d'elle, quem lhe entenda a lingua e lhe faça a troca de pensamentos! Ser comprehendido é meia consolação. Por isto, junto á cabeceira dos enfermos se multiplicava o padre polyglotta. Um dia succumbiu-lhe o organismo ao insulto de uma dessas violentas pyrexias que a sciencia baptiza com mil nomes, mas que para aquelle batalhador foi o termo e a corôa dos combates... Morreu em 1833. Ao seu leito de morte approximou-se um amigo obscuro, curvou a sua fronte de peccador, implorando uma benção; e daquelles labios prestes a cerrarem-se ouviu uma phrase como esta: «Morro feliz porque trabalhei pela nossa religião e pela nossa patria.» Nossa patria, era o Brasil, patria nossa e tambem d'elle, do *padre estrangeiro*. (*Muito bem!*)

Eu receio, senhores, offender respeitaveis susceptibilidades, quando não eu vos mostraria, sem sahirnos da benemerita Congregação da Missão, esse veneravel padre Julio Clavelin, francez de nascimento, mas honra do nosso magisterio, gloria e modelo do nosso clero (*Muito bem!*) — o padre Clavelin que de serviços á educação da mocidade conta cerca de meio seculo — e tão venerando, sob a sua aureola de cabellos brancos, que eu sempre lhe beijaria as

mãos, si acaso m'o permittisse a sua modestia, para lhe agradecer o muito que tem feito pelo nosso Brasil. (*Applausos.*)

Mas por não tratar senão dos mortos, senhores, consenti que eu vos conduza á beira de dous tumulos recentemente fechados... Um delles é o daquelle optimo padre Lourenço Rossi, da Sociedade de Jesus—um *estrangeiro* tambem—mas que no Brasil fundou o collegio Anchieta e, poucos dias antes que a morte o salteasse no meio de nós, ainda nos prestava o auxilio da sua abençoada intelligencia para o generoso tentamem de uma Academia de Commercio. (*Muito bem!*)

O outro tumulo, senhores, cerrou-se, ha poucos dias, sobre os despojos mortaes do irmão Jules Andronic. A instancias do nosso amado Arcebispo vieram elle e outros irmãos maristas dirigir o collegio diocesano de S. José. O irmão Andronic trabalhou muito, mais do que comportava a sua compleição, robusta na apparencia, mas grandemente combalida pela acção do clima. Em menos de tres dias adoeceu e morreu. Os thesouros que entre nós roubou, couberam todos no humilde esquite que do hospital da Gambôa o levou ao cemiterio... (*Sensação.*)

Estou cansado, senhores, de citar-vos padres, frades, congregados estrangeiros, que têm sido amigos e bemfeitores do Brasil;—e, em contraposição, eu desafio quem quer que seja a me apontar qual o *frade estrangeiro* que ao Brasil tenha vindo locupletar-se com dinheiros da Igreja, e, nova harpia dos altares, arrebatat as riquezas do culto para opulentar a si ou á sua familia! (*Muito bem!*) Nomes, datas, factos—tenho o direito de exigil-os, e desdenho essa vã declamação que apenas póde embair os papalvos desoccupados! (*Applausos.*)

Demais, senhores, os que têm propensão e gosto para exclusivismos nativistas, pelo menos devem ser logicos, e dos seus principios derivar todos os consecrarios.

Aos que me dizem que todo frade, padre ou congregado é um perigo, uma abominação, um monstro, eu comprehendo: elles são francamente do partido de Satan contra a Cruz... Mas se me dizem que o inimigo não é o

frade, em geral, mas só o *frade estrangeiro*, bem vêdes que a questão muda de face, e que deixa de ser anti-religiosa para ser propriamente nativista, *jingoista* ou *boxer*. Neste caso, porém, eu não sei porque só contra os frades se deva irritar essa disforme—hypertrophía do patriotismo.

Em verdade eu vos pergunto: admittida, de facto, a separação da Igreja do Estado (de facto, porque eu nunca a admittiria em principio, como fazem mal-avisados catholicos) admittida tal separação,—que é que mais pôde influir na mentalidade nacional, o frade, o homem da Igreja, ou aquelles que mais directamente collaboram na opinião e na vida politica e social do paiz?

Seria, pois, preciso, senhores, que a propaganda que eu combato arvorasse como bandeira a eliminação dos principios constitucionaes que, para todos os effeitos, menos para a eleição aos cargos de presidente e vice-presidente da republica, não estabelece distincção entre brasileiros natos e naturalizados.

Seria preciso arrancar da nossa historia algumas de suas paginas mais fulgorosas, e privar-nos agora de valiosos companheiros. Deveriamos entrar pelas confrarias e ordens terceiras e dellas expellir, pela arruaça, os honrados portuguezes, que tanto contribuem para o esplendor do culto e a caridade hospitalar. Entrariamos, outrosim, pela Academia das Lettras, e a Filinto de Almeida, brasileiro naturalizado, teriamos de bradar que, portuguez, não lhe cabe a honra de sentar-se ao lado de Lucio de Mendonça, o nativista. (*Muito bem!*) Nos annaes da nossa administração delir-se-ia, por exemplo, o nome de um Calogeras, que era grego: nos do magisterio, a memoria de Tautphoeus, um allemão; nos do parlamento, os feitos de um Abaeté, portuguez, e até mesmo os do segundo José Bonifacio, que viu a luz do dia em Bordéos...

Que digo senhores? Teriamos de apagar, por tal processo, luminosos trechos da nossa historia militar. Sem amesquinhar os meritos pessoases do sr. marechal Mallet, ex-ministro da guerra e a quem tive a honra de ter por mestre, posso dizer que boa parte da sua notoriedade

vem do glorioso guerreiro que foi seu pae. Ouve-se ainda em torno do nome de Mallet o temeroso estrondar da artilheria-revólver que espedaçava as hostes inimigas em Tuyuty... Mas, senhores, o pae do nobre ex-ministro da guerra nasceu em França, era um *militar estrangeiro*.

E em nossa gloriosa marinha? Greenfell era inglez; Joaquim José Ignacio, Visconde de Inhaúma, nasceu em Portugal... Que brilhante gloria, meus senhores, a da estupenda batalha do Riachuelo, da qual se derivaram todos os mais triumphos da campanha do Paraguay! Mas quem lá vemos no passadiço da *Amazonas*, realizando aquelle temerario feito, só muito mais tarde copiado pelo admirante Teghetoff na batalha de Lissa? Francisco Manuel Barroso, depois Barão do Amazonas — um portuguez de nascimento, senhores, e cuja glorificação, a predominarem estreitas idéas nativistas, deve agora cessar, porque foi um *marujo estrangeiro!* (*Muito bem!*)

Accresce que, no sentir geral dos homens deste seculo, não ha poder moral mais eficaz do que a imprensa diaria, o jornalismo. O frade prêga no templo aos que lá o queiram ouvir; mas o jornalista insinua-se na opinião de toda a gente, cria um ambiente moral que vos impregna sem que o sintaes, e ao qual mui difficilmente se resiste. Os meus amigos jornalistas, em quem posso dar de vez em quando uns piparotes, que elles não levam a mal, porque somos da mesma familia (*Riso*), os meus confrades sabem disto e todos os dias o apregoam. As locuções — *sacerdocio da imprensa, templos da opinião publica* — e outras quejandas já passaram á categoria de vulgaridades, de chapas, como se costuma dizer. Ora, eu não sei porque a taes sacerdotes não se deva applicar a regra nativista que ora se invoca contra os habitantes dos cenobios. (*Applausos prolongados.*)

No *Jornal do Commercio*, onde trabalhei dez annos, a autoridade suprema cabia ao dr. Luiz de Castro, não o nosso excentrico collega wagnerista, mas seu illustre e pranteado pae. Era um brasileiro naturalizado, e todavia eu vos declaro que sabia dar á folha a direcção mais honestamente patriótica que ella tenha tido. (*Approvações.*)

Não leio assiduamente o *Paiç*, mas posso dar noticia de que, durante a revolta, e mesmo depois, os artigos mais vehementes, mais inflammados, mas tetanicos em prol do florianismo, eram de outro portuguez, o sr. Salomonde.

Na *Tribuna* floreira agora o sr. Alcindo Guanabara. A este confrade conheço desde os seus mais tenros annos; e asseguro-vos que elle é feitura espiritual do velho F. Guilherme dos Santos, pae de um dos actuaes directores da *Noticia* e portuguez dos quatro costados, sob cuja inspiração fez o sr. Alcindo as suas primeiras armas no jornalismo, escrevendo convencidas paginas contra abolição do captivo... Já vedes que bem conheço o meu pessoal. (*Hilaridade*).

Finalmente, senhores, nesta negregada questão os mais fortes inimigos do *frade estrangeiro* homiziam-se nas devesas e fraldas da *Gazeta de Noticias*. Optimamente! Mas a *Gazeta* é uma criação de Manuel Carneiro e Elysio Mendes, ambos portuguezes; e, o que mais é, o actual director da mesma *Gazeta*, o sr. Henrique Chaves (a quem quero muito bem) é um brasileiro naturalizado, isto é, um *estrangeiro* na linguagem dos propagandistas, a quem abre suas columnas de honra! (*Muito bem!*) Por isto, quando todas as tardes havia *meeting*, eu tambem tive meus impetos de convocar um, bem nativista, bem jacobino, mas para depor o Henrique Chaves (*Hilaridade*).

Diante desta falta de logica, senhores, não ha receiar o perigo de semelhante propaganda, porque ella se esborôa ao menor embate da logica.

Por minha parte, eu, que desejo, que solicito, que de braços abertos recebo toda a coadjuvação do estrangeiro para a prosperidade material e moral da minha patria, não posso repellir a do religioso, cuja serena esphera de acção está muito acima dos tiros de nativismo.

O direito internacional, senhores, procurando definir a zona dos mares territoriaes, diz que—aguas desta ou daquella nação se devem reputar as que demoram em uma faixa cuja largura seja o alcance de um tiro de artilheria. Além é o oceano, immenso, patrimonio commum

de todas as nações... Pois bem! senhores, permitti que ao mundo moral eu applique esta regra do direito. A alma humana, nas suas cogitações terrenas, é como o navio que costeia o littoral de um paiz: navega em aguas territoriaes. Quando, porém, á semelhança da nave que desfralda as brancas velas, ella toma os seus grandes vôos, os surtos da prece, demandando o infinito—oh! então não mais existem direitos territoriaes: estamos em meio do oceano, no oceano religioso, postos entre o abysmo que nos reclama e o céu que nos protege! (*Applausos.*)

Em religião, senhores, não distingo patrias ou nacionalidades. O meu DEUS, o meu soberano e bemdito JESUS, não é um brasileiro: é um judeu. Todas as noites, neste mez de maio, eu e minha familia nos ajoelhamos diante de um altar enflorado e cantamos os louvores de uma hebréa, MARIA SANTISSIMA. O cabeça visível da minha egreja não é brasileiro, é agora italiano, Sua Santidade Leão XIII... E o que profundamente deploro, meus senhores, é que, em me pegando esta molestia de nativismo, e quando eu queira tomar um patrono celestial consoante a taes idéas, muito embaraçado me verei, porque não ha no calendario um santo brasileiro! (*Riso.*) Reconheço os louvaveis esforços de certo confrade no jornalismo para canonizar um presidente da republica, mas sem a decisão final de Roma, não posso prestar culto a nenhum *santo varão*. (*Hilaridade.*)

Basta, senhores, e já me peza ter, por tanto tempo, abusado de vossa attenção. (*Não apoiados, continue.*) Comprehando a vossa bondade; está chovendo muito lá fóra... (*Hilaridade.*) Mas vae adiantada a hora, e não tenho o direito de reter os que podem melhor empregar o seu tempo. Demais, tenho dito o sufficiente para deixar demonstrado o meu theorema, tão evidente, aliás, que é quasi um axioma, um axioma da religião do amor e da fraternidade universal.

Sim, da fraternização universal. Senhores, o christianismo tem sido o verdadeiro creador de todas essas liberdades modernas que a revolução pedantescamente préconiza como suas. Mais de um millenio antes de se proclamar a famosa *liberdade, egualdade e fraternidade*

em terras da França, JESUS CHRISTO havia ensinado que os homens são todos irmãos—e, se somos irmãos, claro está que somos eguaes e que não nos podemos escravizar uns aos outros. A suppressão das fronteiras internacionaes é uma utopia na actualidade. Victor Hugo disse que anciava por que um dia não houvesse mais França, nem Allemanha, nem Inglaterra, mas os Estados Unidos da Europa. Era ainda mesquinho. Devêra ter dito—os Estados Unidos do Universo... Mas, senhores, este sonho já está realizado pela nossa Igreja. O que cá fóra é simples miragem, uma nuvem rosicler, uma visão inatingível, lá dentro reina e esplende como um principio vencedor.

Não foi a tóa, senhores, que o nosso DEUS, tendo nascido em uma baixura, em um estreito presepe, quiz ser crucificado em um monte. Foi para que lá de cima, em amplexo amoroso, abrangesse maxima parte da redondeza visível. E nossa crença, senhores, ergue ainda mais alto a Cruz do SALVADOR, tão alto quanto o pôde fazer o nosso debil entendimento, para que dentro dos seus braços sacrosantos caibam todas as nações, congraçadas na mesma Fé.

(*Applausos repetidos. O orador é abraçado por S. Ex. Revma. o Sr. Arcebispo e por muitos circumstantes.*)

Nota.—Não costumo imprimir senão exactamente o que disse, mas julgo interessante inserir as informações que posteriormente á conferencia me chegaram sobre a catechese feita por *frades estrangeiros*:

«Existem no Brasil as seguintes colonias dirigidas por ordens religiosas, constituídas por pessoas que não são brasileiros natos:

1.—DOMINICANOS.—Colonia Conceição do Araguaya, no Estado do Pará, limites do de Goyaz, tendo não menos de 4.000 indios, um collegio para meninos indigenas, e outro para meninas, dirigido este por Irmãs Dominicanas.

O governo do Pará tem prestado auxilio a estes importantes estabelecimentos.

II.—SALESIANOS.— Mantém uma colonia indigena em Matto-Grosso, onde presta relevantissimos serviços.

III.—CAPUCHINHOS.— Estão na colonia indigena de Maracanan, no Pará. População excedente a 1.000 indios. Collegio para meninos indigenas, dirigido por frades todos italianos.

A colonia de Vista Alegre, no Maranhão, foi destruida pelos selvagens, e ahi pereceram, martyrizados, tres frades e dez Irmãs Franciscanas.

IV.—FRANCISCANOS.— Em Itabacury, Estado de Minas, conseguiram aldear, em prospera colonia, cerca de 2.000 Botocudos. E em S. Paulo mantêm uma colonia de indios Coroados.»



